



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ALANA BARROS SANTOS

**A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA REGULAR-
ESTUDO DE CASO**

**Campina Grande-PB
2016**

ALANA BARROS SANTOS

**A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA REGULAR-
ESTUDO DE CASO**

**Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentação como requisito para a obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba- UEPB -
Campus I - Campina Grande- PB, sob a
Orientação da Prof. Livânia Beltrão Tavares.**

Campina Grande-PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237i Santos, Alana Barros

A Inclusão da criança autista na escola regular - estudo de caso [manuscrito] / Alana Barros Santos. - 2016.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares,
Departamento de Pedagogia".

1.Inclusão escolar. 2.Autismo. 3.Sala regular. I. Título.

21. ed. CDD 371.94

ALANA BARROS SANTOS

**A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA REGULAR-
ESTUDO DE CASO**

**Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentação como requisito para a obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba- UEPB -
Campus I - Campina Grande- PB, sob a
Orientação da Prof. Livânia Beltrão Tavares.**

Aprovado em 02/08/2016

Nota: 9,5

BANCA EXAMINADORA

Livânia Beltrão Tavares

Prof. Livânia Beltrão Tavares
Orientadora – UEPB

Eduardo Gomes Onofre

Prof. Eduardo Gomes Onofre
Examinadora – UEPB

Ruth B. Araújo Ribeiro

Prof. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro
Examinadora – UEPB

Campina Grande – PB
2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me concedido a oportunidade de ingressar em um curso superior e ter também me proporcionado sabedoria para chegar ao término desse curso de Pedagogia. Ademais, agradeço, em especial...

À minha mãe, por ter me apoiado sempre e por ter me esperado todas as noites na parada de ônibus durante esses cinco anos, bem como pelo seu amor e cuidado;

Ao meu pai por me mostrar sempre o valor dos estudos e as recompensas que são advindas do mesmo;

À meu noivo pela paciência e pelas vezes que o curso de Pedagogia ficou em primeiro lugar, pela compreensão e por acreditar sempre no meu potencial;

Os colegas de sala, que nos momentos de dificuldade, a união fez a força e pelo aprendizado que adquirimos umas das outras;

À professora orientadora Livânia Beltrão pela paciência e pelas sugestões de leitura, bem como por sua tranquilidade que de certo modo também me tranquiliza;

Aos professores da Banca Examinadora que aceitaram o convite para participar desse momento tão importante da minha vida.

RESUMO

A presente pesquisa de caráter descritivo apresenta natureza qualitativa, utilizando-se da observação e questionários direcionados às professoras que trabalharam e/ou trabalham com crianças autistas. É de suma importância conhecer o autismo para que, assim, possamos realizar um bom trabalho com nossas crianças autistas, permitindo que as mesmas se desenvolvam e sejam autônomas e capazes de atuarem na sociedade como os sujeitos típicos. Caracteriza-se como um estudo de caso sendo a amostra composta pela criança autista e duas professoras que trabalharam com ela em sala de aula regular. O presente trabalho possui como objetivo geral: analisar a inclusão de uma criança autista dentro de uma sala regular em uma escola particular do município de Campina Grande-PB, mostrando seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor. Além desse intuito central, buscamos analisar os métodos utilizados em sala de aula pelos docentes para proporcionar o crescimento da criança autista em estudo, conhecer os desafios enfrentados pelos professores e identificar os conhecimentos desses em relação ao autismo. Para tanto, foi realizado uma observação de campo e a aplicação de questionário com professores, com o intuito de responder aos questionamentos e ter uma conclusão acerca do objetivo colocado acima. Os resultados indicaram que, mesmo com as dificuldades do cotidiano escolar, o menino autista observado apresentou avanços no seu desenvolvimento, bem como houve o processo de inclusão na sala regular, ficando carente a questão da aprendizagem. Diante disso, concluímos que para que haja sucesso na aprendizagem e desenvolvimento de autistas se faz necessário que nossas escolas tenham suporte para recebê-las, bem como professores capacitados para enfrentar os entraves do dia a dia.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Autismo. Sala Regular.

INTRODUÇÃO

Sabendo da importância de vivermos em uma sociedade em que a inclusão não fique apenas no discurso e prevaleça nos ambientes educacionais e sociais da nossa sociedade, o presente trabalho objetiva analisar a realidade de uma criança autista dentro de uma sala regular em uma escola particular do município de Campina Grande-PB, mostrando seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor. Além de que, buscamos analisar os métodos utilizados em sala de aula pelos docentes para proporcionar o crescimento da criança autista em estudo, conhecer os desafios enfrentados pelos professores e identificar os conhecimentos dos mesmos em relação ao autismo.

Pretendendo cumprir com os objetivos supracitados, esse trabalho foi elaborado como uma pesquisa qualitativa, que permitiu compreender os dados coletados de forma clara e real. Buscamos fazer uso da observação, seguindo a perspectiva de um pesquisador investigativo, atentando para o intuito desse trabalho. Sendo assim, tais métodos são relevantes, visto que nos permitiram analisar os dados e chegar a reflexões importantes para a nossa educação e para os estudantes que investigam a inclusão de alunos especiais, em específico, da entrada de crianças autistas na sala regular.

Para tanto, com o intuito de responder aos objetivos colocados acima, o presente trabalho segue uma estrutura. Na primeira parte apresentamos uma explanação acerca da inclusão escolar. Em seguida, destacamos a definição do termo autismo, seu surgimento e evolução. No terceiro tópico, enfatizamos os métodos de abordagem para crianças autistas, que favorecem o desempenho pedagógico e autônomo da criança. A quarta parte desse trabalho é voltada para a apresentação do percurso metodológico que realizamos para a efetivação da pesquisa. Após isso, ao longo da quarta parte, trazemos os resultados obtidos a partir da pesquisa e da observação na escola com a criança autista. Em seguida, tecemos nossas considerações finais.

1. INCLUSÃO ESCOLAR

Desde os primórdios da história da educação, os alunos com algum tipo de deficiência têm dificuldades no que se refere à sua inclusão na escola regular, tendo em vista que seus direitos não são assegurados e, com isso, essas crianças sofrem, pois não possuem as mesmas

oportunidades educacionais que os demais, além de serem consideradas, na maioria das vezes, incapazes de aprender.

Percorrendo os períodos da história Universal, desde os mais remotos tempos, evidenciam-se teorias e práticas sociais segregadoras, inclusive quanto ao acesso ao saber. Poucos podiam participar dos espaços sociais nos quais se transmitiam e se criavam conhecimentos. A pedagogia da Exclusão tem origens remotas, condizentes com o modo como estão sendo construídas as condições de existência da humanidade em determinado momento histórico. Os indivíduos com deficiências, vistos como doentes e incapazes, sempre estiveram em situação de maior desvantagem, ocupando, no imaginário coletivo, a posição de alvos de caridade popular e da assistência social, e não de sujeitos de direitos sociais, entre os quais se inclui o direito a educação. Ainda hoje constata-se a dificuldade de aceitação do diferente no seio familiar e social, principalmente do portador de deficiências múltiplas e graves, que na escolarização apresenta dificuldades acentuadas de aprendizagem. (DIRETRIZES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2001, p.19).

Nessa perspectiva, percebe-se que na nossa sociedade a inclusão é um termo bastante enfatizado, contudo, seu real significado não é compreendido e utilizado na prática, principalmente, quando diz respeito à inclusão de uma criança com qualquer tipo de deficiência na sala regular. Quanto a esse aspecto, vale salientar que a Lei de Diretrizes 9.394/9 determina a obrigação das escolas de ensino regular em receber no convívio normal crianças portadoras de deficiências, apresentando um ambiente (escola) que disponibilize profissionais capacitados, ambientes adequados e materiais adaptados para assegurar e promover a inclusão da(s) criança(s), bem como enfatiza a Lei da Declaração dos Direitos da Criança de 1959.

Diante desse exposto, no que se refere a uma escola inclusiva que atenda às necessidades dos alunos especiais, Corde (1994, p. 11) afirma que:

A escola inclusiva é o lugar onde todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter, conhecendo e respondendo às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos.

Segundo a Lei de Diretrizes Nacionais para a Educação Especial no Brasil (2011), a Educação Especial é uma modalidade da educação escolar, bem como um processo educacional definido em uma proposta pedagógica, que assegura um conjunto de recursos e serviços educacionais especializados, organizados institucionalmente para apoiar, complementar e suplementar, e em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns,

de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Entretanto, sabemos que na prática isso não acontece, o que ocorre é a integração da criança na escola sem fins educacionais, ou seja, apenas é oferecido à mesma o cuidar e a higienização, ocasionando na quase inclusão, uma vez que a criança especial não é inserida como as típicas, não fazendo uso dos mesmos processos educacionais.

Vale ressaltar que as crianças portadoras de deficiências têm seus direitos de inclusão desde a educação básica até o ensino superior, assegurado pelas seguintes referenciais legais que constituem e instituem a educação inclusiva em nosso país:

Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (2001) que determinam que as escolas se organizem para proporcionar uma educação de qualidade para os portadores de deficiência.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei n. 9.394/96) que assegura aos educandos uma plena assistência em todo e qualquer estabelecimento de ensino.

A Declaração de Salamanca, Espanha (em julho de 1994), sobre o tema Necessidades Educativas Especiais o Acesso a Qualidade, que traz importantes contribuições no que diz respeito à Educação especial.

A carta de Jomtien, Tailândia, que é matriz da Política Educacional de Inclusão.

Lei n.7.853/89 que cria a coordenadoria Nacional para integração da pessoa portadora de deficiência (CORDE).

Declaração Universal dos Direitos Humanos (1984) que assegura o direito de todos à Educação.

Lei de Diretrizes e Bases (Lei n.4.024/61) que recomenda integrar no sistema geral de Ensino a Educação de excepcionais, como eram chamadas na época as pessoas com deficiências.

No entanto, todas essas leis não são totalmente cumpridas nos estabelecimentos de ensino, sendo necessária uma fiscalização para que esses direitos sejam efetivados, visto que na prática poucas escolas asseguram à criança portadora de deficiência especial uma educação de qualidade.

Desta feita, podemos afirmar que a inclusão diz respeito à inserção de todos na escola, objetivando a efetiva aprendizagem, e não apenas incluir por incluir, mas conhecer todas as suas necessidades para que possamos ajudá-los na construção do conhecimento.

Nesse sentido, sabendo da relevância de incluirmos nossos alunos especiais na sala regular, precisamos conhecer qual o perfil das crianças que apresentam autismo, para que, assim, possamos desenvolver um trabalho satisfatório com as mesmas e fazer uso de métodos adequados que contribuam para seu desenvolvimento. Por isso, conheceremos um pouco mais sobre o autismo a seguir.

2. CONHECENDO O TERMO “AUTISMO”

Dentre distintos sujeitos que apresentam características que estão inclusas no grupo dos alunos com necessidades especiais, temos os autistas, foco desse trabalho.

A palavra autismo vem da palavra grega “autos” que significa próprio, portanto, a palavra autismo significa, literalmente, viver em razão de si mesmo, o termo passou a ser utilizado bem depois da descoberta da síndrome, assim:

O autismo infantil foi inicialmente descrito por Leo Kanner um médico psiquiatra e pesquisador em 1943. A priori foi determinado como Distúrbios Autísticos do Contato afetivo. Descreveu 11 casos, nos quais observou determinados comportamentos peculiares, caracterizados por isolamento (autismo extremo), rotinas repetitivas e elaboradas, repetição de frases e palavras (ecolalia), inversão pronominal maneirismos motores estereotipados e incapacidade de se relacionar de formas usuais com as pessoas desde o início da vida. Em seguida em 1944 Hans Asperger um médico austríaco escreve um artigo com o título Psicopatologia Autística na Infância descrevendo crianças com características semelhantes a da pesquisa de Kanner (BANDIM, 2011, p.17).

A esses dois médicos e pesquisadores Kanner e Asperger podemos atribuir grande relevância, visto que identificaram essa síndrome que afeta vários aspectos da vida social e afetiva das crianças portadoras.

Quanto a seu processo histórico, citamos Reviere (2004), que enfatiza que antes de ter seu conceito determinado, o autismo passou por três momentos históricos importantes. Primeiro, temos os primeiros 20 anos de estudo (1943 a 1963), no qual o autismo era considerado essencialmente como um transtorno emocional em que os pais eram os principais responsáveis pela trágica alteração dos seus filhos. O segundo momento compreende o período de 1963 a 1983, que compõe a ampliação das pesquisas empíricas sobre o tema e este

passa a ser associado a transtornos neurobiológicos, enfocando as alterações cognitivas mais do que as afetivas. No terceiro momento, tais pesquisas motivaram a criação das escolas dedicadas especialmente para as crianças autistas, bem como o uso de novos procedimentos de conduta para ajudar as pessoas autistas a se desenvolverem socialmente.

São muitas as características que determinam um sujeito como autista, dentre elas, temos: comportamentos solitários e indiferentes; dificuldades para comunicar-se; comportamentos rígidos e obsessivos; dificuldades para entender as normas sociais, bem como para estabelecer relações de amizade e amor. Diante disso, tendo em vista todas essas características e outras que irão ser descobertas no convívio diário com essas crianças, os professores devem estar cientes que as mesmas podem variar, pois nem todo autista apresenta características idênticas, uns podem ser mais acentuadas e outros menos. Sendo assim, para que haja um bom trabalho pedagógico com essa criança, se faz necessário que o docente conheça essa criança e suas particularidades, para que, dessa forma, comece a utilizar o método mais adequado para ela.

Ademais, é de suma importância destacar a relevância do profissional da educação para lidar com o “novo” e compreender que métodos devem ser aplicados em sala de aula para uma melhor educação das crianças que apresentam o autismo. Dessa forma, como professores, precisamos acompanhar essas questões que norteiam o cotidiano escolar e, sobretudo, efetivar a inclusão dos alunos com qualquer tipo de necessidade especial.

O transtorno autista é considerado como um dos vários transtornos globais do desenvolvimento, sendo constituído por todos aqueles que possuem características básicas comuns ao autismo, que afetam determinadas áreas, como a interação social recíproca, habilidades de comunicação, presença de comportamentos e atividades repetitivas e estereotipadas, incapacidade imaginativa. Manifesta-se antes dos três anos de idade e ocorre três a quatro vezes mais frequentes em meninos. (BANDIM, 2011, p.18)

Temos algumas instituições que visam atender crianças autistas, bem como cuidar para que se desenvolvam. Uma delas é a AMA (Associação de Amigos dos Autistas), que atende crianças com espectro autista através de diversas atividades, tais como nos aspectos educacionais, fonoaudiólogos e natação, sendo estas feitas com o intuito de tornar essa criança o mais independente possível para atuar na nossa sociedade. Portanto, para essa associação, o autismo é um distúrbio de comportamento que afeta a tríade: comunicação, socialização e imaginação.

A dificuldade na comunicação consiste em utilizar, com sentido, todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal, incluindo gestos, expressões faciais, linguagem corporal, ritmo e modulação na linguagem verbal. Além disso, crianças autistas apresentam dificuldades de olhar olho no olho, obedecer aos comandos e interagir com os demais sujeitos. (BANDIM, 2011, p.33)

Podemos encontrar, ainda, crianças autistas que não possuem linguagem verbal e nem linguagem não verbal. Há também aquelas que podem chegar a falar, mas compreende um processo demorado, que deve ter auxílio e acompanhamento da fonoaudióloga, além da participação da escola, que deve estimular o sujeito autista através das músicas e da interação com as outras crianças e com os adultos.

Muitas crianças repetem o que foi dito por outro sujeito, que chamamos de Ecolalia imediata, outras, por sua vez, repetem frases ditas há algum tempo, que denominamos de Ecolalia tardia.

Além da dificuldade supracitada, temos a deficiência na socialização, que consiste no relacionamento com os outros, a incapacidade de compartilhar sentimentos, gostos e emoções. Além disso, vale destacar que a criança autista é definida como egocêntrica, visto que vive em mundo só dela e não tem a capacidade de se colocar no lugar do outro.

Dependendo do nível de autismo dessa criança e, a partir de um trabalho conjunto entre o tripé família-escola-associação, essa socialização poderá ser possível de acontecer. Contudo, se o autismo for severo torna-se mais difícil o trabalho com essa criança, não sendo impossível, vale ressaltar.

Temos, ainda, como característica da criança autista a dificuldade no uso da imaginação. Esta está relacionada com a rigidez e inflexibilidade, estendendo às várias áreas do pensamento, linguagem e comportamento da criança. Isto pode ser exemplificado por comportamentos obsessivos e ritualísticos, compreensão literal da linguagem, falta de aceitação das mudanças e dificuldades em processos criativos. Algo marcante nesse aspecto é a não aceitação as mudanças possíveis de acontecer no cotidiano, quando o autista entra em “desespero” e, por isso, precisamos lidar com a situação e nortear a mesma. (BANDIM, 2011, p.39)

No que diz respeito a outra instituição, intitulada de ASA (Associação Americana de Autismo), a criança, para ser considerada autista, deve apresentar as seguintes características, que serão colocadas a seguir.

Temos aparecimentos de habilidades físicas sociais e linguísticas, bem como reações anormais às sensações cujas áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e a maneira de manter o corpo. Ademais, para essa instituição, a fala e a linguagem são ausentes ou atrasadas, bem como há o ritmo imaturo da fala e restrita compreensão de ideias. Como característica, temos também o uso de palavras sem associação com o significado, relacionamento anormal com os objetos, eventos e pessoas. Por fim, respostas não apropriada a adultos e crianças, e objetos e brinquedos não usados de maneira devida são definições utilizadas pela ASA. (ASA, 1978)

Segundo o DSM-IV-IR (2002) - Manual de diagnóstico e estatístico dos distúrbios mentais, o autismo é um transtorno que consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação, além de um repertório muito restrito de atividades e interesses. As manifestações dos transtornos variam imensamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo.

De acordo com o CID-10 (2000) - Classificação Internacional de Doenças, o autismo consiste no transtorno global do desenvolvimento anormal ou alterado, sendo manifestado antes dos três anos de idade e apresentando perturbação nas interações sociais, comunicação e comportamento focalizado e repetitivo. O transtorno também é acompanhado de várias manifestações inespecíficas, tais como: fobias, perturbações do sono, crises de birra ou agressividade (autoagressividade).

Vale enfatizar aqui a irritação, algo bastante presente nas crianças autistas, que pode ser resultante de uma resposta negativa dada ou da mudança de rotina. Dessa forma, devemos buscar em nossos atendimentos não atender a essas irritações caso contrário, não conseguiremos realizar um trabalho e permitir que a própria se desenvolva.

Desta feita, após conhecermos o autismo, suas características e conceitos, que foram preponderantes para darmos continuidade ao presente trabalho, trataremos, no próximo tópico, acerca dos métodos de abordagens utilizados com crianças autistas.

3. MÉTODOS DE ABORDAGENS PARA CRIANÇAS AUTISTAS

Tendo em vista que crianças autistas possuem características semelhantes, sendo algumas mais acentuadas e outras menos, percebemos que para cada uma existem determinados métodos de abordagens a serem adotados, que veremos a partir de agora.

O primeiro método é ABA (Análise de Comportamento Aplicada), que consiste em obter a independência da criança autista para uma melhor qualidade de vida, além de se tratar de um tratamento comportamental que visa a diminuição de comportamentos como agressões, autolesões, agressões verbais e fugas. Nesse método são utilizadas habilidades que são propostas à criança pelo professor na forma de dica ou instrução, através de uma hierarquia de ajuda (chamada de aprendizagem sem erro). Além disso, as oportunidades de aprendizagem são repetidas até que a criança demonstre habilidade sem erro em diversos ambientes e situações.

O tratamento ABA tem como principal característica o uso de consequências favoráveis ou positivas reforçadoras. Cada comportamento apresentado pela criança deve ser registrado de forma precisa para que possa avaliar seu progresso. O uso da análise comportamental aplicada voltada para o autismo baseia-se em cinco passos: Avaliação inicial; definição de objetivos a serem alcançados; elaboração de programas e procedimentos; ensino intensivo; avaliação do progresso. Esse é o método considerado atualmente o mais eficaz.

O Floortime foi desenvolvido pelo psiquiatra Infantil Stanley Greenspan, sendo um método que leva em conta a filosofia de interagir com a criança autista. Tem como objetivo desenvolver a criança dentro do marco básico para a plenitude do desenvolvimento emocional e intelectual do indivíduo: Noção do próprio EU e interesse no mundo, intimidade ou amor em especial para a relação humana; a comunicação em duas vias (interação); a comunicação complexa; as ideias emocionais e o pensamento emocional.

Nesse método os pais entram numa brincadeira que a criança gosta ou se interessa e segue aos comandos que a própria criança lidera tendo como objetivo ajudar a criança autista a se tornar mais alerta, ter mais iniciativa se tornar mais flexível, tolerar frustração, planejar e executar sequências, se comunicar usando seu corpo, gestos, linguagens de sinais e verbalização. O mais importante nesse método é despertar na criança o prazer de aprender.

O PADOVAN (Organização e Reorganização Neurológica) é um processo dinâmico e complexo, mas natural, que leva a maturação do sistema central, tornando o indivíduo apto a cumprir o seu potencial genético, ou seja, pronto para adquirir todas as suas capacidades incluindo a locomoção, a linguagem e o pensamento. Além disso, consiste nas fases do desenvolvimento (rolar, rastejar, engatinhar, entre outros), objetivando tornar o indivíduo apto a dominar seu corpo no espaço.

Além dos métodos de abordagens colocados acima, temos a PECS (Sistema de Comunicação por trocas de figuras), que foi desenvolvida em 1985 como um pacote de

treinamento aumentativo/alternativo único que ensina crianças e adultos com autismo e problemas correlatos de comunicação a começarem a se comunicar. O PECS é reconhecido mundialmente por se dedicar aos componentes iniciativos da comunicação. Ademais, não requer materiais complexos ou caros e foi desenvolvido tendo em vista educadores, cuidadores e familiares, o que permite sua utilização em uma multiplicidade de ambientes.

Assim como os outros, esse método é composto por fases, que são: ensinar ao aluno a iniciar a comunicação desde o início, por meio da troca de uma figura por um item muito desejado; ensinar aos alunos a serem comunicadores persistentes ativamente, irem a busca de suas figuras e irem até alguém, fazendo solicitações; ensinar o aluno a discriminar figuras e selecionar uma figura que representem um objeto que eles querem; ensinar o autista a usar uma estrutura na frase para fazer uma solicitação, na forma: “eu quero”; ensinar o aluno a responder a pergunta: “o que você quer?”; ensinar o aluno a comentar sobre coisas do ambiente que estão. Ao final, espera-se que esse método tenha proporcionado à expansão do vocabulário e ensinado os alunos a usarem diversos atributos dentro das solicitações deles.

O TEACCH (Tratamento e Educação para Crianças Autistas e com Deficiência de Comunicação) trabalha concomitantemente a linguagem receptiva e a expressiva. São utilizados estímulos visuais (fotos, figuras, cartões), estímulos corporais (apontar gestos e movimentos corporais) e estímulos audiocinestésicovisuais (som, palavra, movimentos associados às fotos) para buscar a linguagem oral ou uma comunicação alternativa. Por meio de cartões com fotos, desenhos, símbolos, palavras escritas ou objetos concretos em sequência, indicam visualmente atividades que serão desenvolvidas naqueles dias na escola. Quando a criança apresenta plena desenvoltura na realização de uma atividade (conduta adquirida) esta passa a fazer parte da rotina de forma sistemática.

O SCERTS, por sua vez, é uma abordagem abrangente e multidisciplinar que visa melhorar as habilidades de comunicação e sócio emocionais de indivíduos com distúrbios do espectro autista. Foi desenvolvido usando objetivos prioritários na comunicação social e na regulação emocional através da implementação de transacionais (apoio interpessoal e apoios de aprendizado) ao longo de atividades diárias da criança e entre parceiros.

O SONRISE é um programa que apresenta uma abordagem altamente inovadora e dinâmica no tratamento do autismo e outras dificuldades de desenvolvimento similares. Também é uma abordagem relacional onde a relação entre pessoas é valorizada, sendo programa composto de um conjunto de técnicas e estratégias a serem utilizadas com uma

criança. Os pais aprendem a interagir de forma prazerosa, divertida e entusiasmada com a criança, encorajando, então, altos níveis do desenvolvimento social, emocional e cognitivo.

Desta feita, fica notório que são vários os métodos existentes, cabendo a cada família e educadores escolherem aquele que mais se adequa à criança autista, levando em consideração as características da mesma e sua reação diante de tal método. Desse modo, fazendo o uso adequado podemos alcançar bons resultados e proporcionar o desenvolvimento social e educacional dos autistas.

Após realizarmos essa explanação, destacamos, no próximo tópico, a metodologia utilizada para a concretização dos resultados e para a discussão dos aspectos encontrados que merecem destaque.

4. METODOLOGIA

Analisar e pesquisar em educação requer uma visão holística, visto que a escola é um mundo cheio de culturas, costumes diferentes feitos por pessoas que se emocionam, vivem e convivem e se modificam neste processo. “E estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1996, p.64)

Portanto, a presente pesquisa de caráter descritivo que foi realizada no ano de 2015, apresenta natureza qualitativa, utilizando-se da observação e questionários direcionados às professoras que trabalharam e/ou trabalham com crianças autistas. A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, a mostra foi composta pela criança autista e duas professoras que trabalharam com ela em sala de aula regular.

De acordo com os teóricos Maciel e Raposo (2010, p. 82) a pesquisa qualitativa “não exige a definição de hipóteses formais. [...] são momentos dos pensamentos do investigador comprometido com o curso da investigação, as quais estão em constante desenvolvimento”.

Tendo enfoque qualitativo, segundo Neves (1996), o foco de interesse da pesquisa é mais vasto e utiliza uma perspectiva distinta dos usos métricos, perpetrando parte dela a obtenção de dados descritivos mediante relação direta e interativa do pesquisador com o objeto de estudo.

Para a obtenção dos resultados e buscando atender aos objetivos propostos nesse trabalho, coletamos os dados de uma escola da rede privada de Campina Grande-PB, em uma

turma de Infantil III, onde estudava o menino autista Henrique¹, que ficava em horário integral na escola, sendo acompanhado pela professora e por uma auxiliar. Além de relatar o desenvolvimento dessa criança autista, utilizamos como participantes a professora atual e do ano anterior para identificarmos qual o método que cada uma utilizou e quais os resultados alcançados por cada uma.

Pelo exposto, daremos continuidade ao trabalho, descrevendo e refletindo acerca da vivência supracitada na escola no tópico a seguir.

5. CONHECENDO HENRIQUE¹

Em 2015, o ano letivo foi repleto de dúvidas e incertezas por parte das professoras que atuavam em uma turminha de infantil III, pois havia uma criança autista se tratava de Henrique que tinha 4 anos de idade, não era de conhecimento das docentes lidar com suas dificuldades, crises e choros. Diante disso, foi pensado em conversar com a mãe da criança para que fosse relatado algumas características da criança. Em resposta, ela enviou uma carta, que dizia:

Queridas tias,

Mas um ano letivo se inicia e gostaria de apresenta-las a Henrique um garotinho alegre e muito feliz:

“Olá, eu me chamo Henrique e tenho 3 anos (irei fazer 4 no dia 18/03). Sou um garotinho muito especial, vocês irão perceber. Não apenas por possuir algumas características que me tornam uma criança singular, mas também pelo poder que tenho para conquistar as pessoas!

Gosto muito de correr, de brincar de esconde-esconde, de cócegas, de historinhas com fantoches e de caretas. Essas coisas me fazem sorrir bastante! Também adoro água! Gosto de tomar banho mas as vezes não gosto quando sou colocado embaixo do chuveiro, prefiro ir no meu tempo e posso reclamar quando não me sinto à vontade na hora do banho.

Gosto dos meus amiguinhos, embora não saiba muito bem demonstrar isso. Quando estou muito feliz eu pulo muito e bato palmas e posso esfregar minhas mãos, faço isso pois me ajuda a me acalmar. Como ainda não sou verbal, acho a atenção de forma diferente: posso bater com as mãos ou a cabeça para chamar alguém ou para reclamar de algo. Quando não quero fazer alguma coisa, posso vir a bater minha cabeça na parede ou no chão ,me jogando, gritando e chorando. Essa conduta não é legal e peço que não a reforcem. Apenas me deixe seguro até que eu me acalme e só quando eu estiver calmo me dirijam a palavra e me distraiam daquilo que me chateou.

¹ O nome real da criança autista não será revelado para resguardar sua identidade, por isso usaremos um nome fictício.

Facilmente me distraio. Pode ser uma folhinha balançando, o ventilador girando, a saliva que quando eu faço um aviõzinho no sol, ela brilha como reflexo solar. Gosto de me isolar em alguns momentos. Quando isso acontece geralmente fico de joelhos, batendo palmas ou me balançando. Quando eu me distrair ou me isolar, por favor, peço que me tirem do isolamento, brinquem comigo e sorriam, logo irei esquecer o que me chateou.

Nas refeições, peço que estimulem minha mastigação, já que me recuso a mastigar os alimentos isso pode ser feito aumentando a textura dos alimentos e mostrando os outros colegas se alimentando.

Quando quero ir ao banheiro, eu sinalizo sutilmente pondo a mão ou fazendo carinho de concentração. Facilita meu treinamento no desfralde se eu for levado ao banheiro cada 30 min e me mostrando a figurinha do banheiro.

Um último pedido: não me deixem nunca isolado, em meu mundinho. Me façam participar, mexer, experimentar mesmo que eu venha me queixar. Desta forma vocês estarão ajudando grandemente no meu desenvolvimento.

Muito obrigada por me acompanhar este ano! Tenho a certeza que seremos grandes amigos!!!

*Com carinho,
Henrique.*

Desse modo, foi constatado, após a leitura da carta, que o trabalho em sala não seria fácil, mas não impossível. A princípio, Henrique rejeitou as professoras, quando ele chorava elas tentavam acalmá-lo, colocando-o no colo, todavia, foi percebido que essa não era a forma mais adequada. Então, cada dia ganhando sua confiança, as profissionais foram entrando no seu “mundinho” e a partir desse momento foi possível entendê-lo como poucas pessoas entendiam. No decorrer do tempo, ficou notório que ele é uma criança especial, sensível e com um brilho diferente no olhar.

Vale ressaltar a importância da participação da mãe que nos ajudou o tempo todo esclarecendo nossas dúvidas e nos apoiando em tudo, por ser uma pessoa que busca sempre informações para ajudar seu filho ela sempre estava disposta a aprender mais e passar seus conhecimentos para os educadores.

5.1 O cotidiano e desenvolvimento de Henrique

A pesquisa durou quase um ano de fevereiro a dezembro de 2015 e nesse período a criança autista estudada apresentou grandes avanços. No primeiro bimestre o mesmo teve uma adaptação tranquila, mesmo estando em processo de adaptação com as educadoras, mas já conhecia seus colegas, demonstrando segurança mediante a convivência diária.

Nesse período, Henrique já consegue manter-se sentado por mais tempo e interagir com alguns coleguinhas, mas ainda precisa da ajuda de sua professora. Sua irritação acontece com menos frequência e não bate mais a cabeça como antes. Gosta de ficar no parque correndo com a sua coleguinha, brincar de esconde-esconde e de subir no escorrego. Poucas vezes o mesmo se isolava.

O seu desfalde era tranquilo, mesmo que em alguns momentos ele se irritou, já foi possível observar avanços. Duas vezes conseguiu evacuar e urinar no vaso sanitário. O mais importante neste processo é que está se tornando um hábito saudável e ele quase não chora por ter que ir ao banheiro.

O seu envolvimento nas atividades se dão gradativamente em momentos variados e de acordo com a sua aceitação no grupo (atividades coletivas) ou individual (com mediação da educadora e auxiliar). Às vezes demonstrou vontade de participar das atividades de grupo, mesmo que seja apenas na observação das reações dos colegas, pois sorri apenas por um barulho ou gestos que os mesmos fazem. Nas atividades individuais, tinha interesse em observar as figuras, principalmente, as maiores, o seu grafismo dá-se mediante ao auxílio da educadora ao segurar em sua mão. A sua concentração era pequena, mas o suficiente para desenvolvermos um bom trabalho.

No segundo bimestre, Henrique demonstrou avanços significativos ao interagir com o grupo, pois já conseguiu manter novos relacionamentos com alguns coleguinhas, como também autocontrole mediante algumas ações dos colegas durante a rotina da sala.

Nesse período foram observadas novas conquistas da criança, tais como: compreender alguns comandos; participação em algumas atividades sem chorar; realização de atividades coletivas e individuais sem resistência; iniciativas para realizar algumas atividades sem auxílio da educadora, como pegar a garrafa, beber água sozinho, descer a escada sem ajuda. Além disso, Henrique participou de todas as atividades lúdicas dentro das suas limitações e explorou alguns brinquedos da sala. Quanto à fala propriamente dita, começou, nesse período, a pronunciar novos sons.

No terceiro bimestre observamos um grande avanço com essa criança autista no que diz respeito à afetividade, visto que ele mesmo procurava chamar a atenção dos coleguinhas ou das tias de alguma forma para brincar. Em alguns momentos, a professora deixava ele livre, pois o autista deve ser sim chamado à atenção, mas devemos deixá-los um pouco livres para que não se aborream e se auto agridam.

No último bimestre observamos que Henrique queria mostrar que ele era capaz de realizar determinadas atividades, como muitas vezes fui surpreendida por ele em algumas situações, tais como levar o copo até a mim quando estava com sede ou tomar a iniciativa de pegar sua garrafinha, subir a escada sozinho e no escorrego, e até mesmo tomar a iniciativa de abrir a porta e atender comandos: vamos para o parque, hora do banheiro, entre outros.

Desse modo, mesmo apresentando limitações, o menino autista mostrou-se uma criança muito esperta e observadora, que recebeu estímulos durante o ano da observação para que cumprisse as atividades de modo independente. Essa criança teve todo acompanhamento que necessitava na escola, que proporcionou recursos para que ela se desenvolvesse, além de permitir a interação com as outras crianças e adultos, evitando seu isolamento frequente, que é uma das características do autista, viver em um mundo que é só seu.

Além de conhecermos Henrique, vale ressaltar a importância do ambiente para seu crescimento. A escola que o mesmo estuda oferece vários ambientes, como: quadra, sala de vídeo, sala de informática, dois parques, refeitório, biblioteca, entre outros. Ele gostava de brincar mais no parque, visto que lá se sentia livre, e foi nele que Henrique cresceu, pôde adquirir desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo. Quando estava na salinha que era bem próxima ao parque ele ficava contemplando-o.

Ao contrário do parque, a sala de aula era um ambiente que ele não gostava, pois era a hora de parar e fazer as atividades, neste momento, ele fechava os olhinhos e fingia que estava dormindo só pra não fazer a tarefa, não é de se estranhar, pois autista não gosta de ter obrigações e muito menos atender comandos.

Outro ambiente que proporcionava a Henrique a sensação de liberdade era a quadra, onde sentia liberdade, pois podia expressar sua felicidade e desejos. Entretanto, quando o professor de educação física lhe dava um comando ele recuava.

Desta feita, percebemos que a escola proporcionava um ambiente em que o menino autista pôde adquirir desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo, além de iniciar o processo de autonomia. Diante disso, considero que as professoras e a escola como um todo pratica a inclusão escolar, visto que mesmo com as dificuldades que temos que enfrentar no cotidiano, os docentes procuravam incluir Henrique na escola e junto aos demais alunos.

Conhecendo a realidade vivida pelos professores e por Henrique, o desenvolvimento deste, seus avanços e dificuldades, colocaremos nossas reflexões, a seguir, acerca do questionário e dos métodos utilizados em sala de aula.

6. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E MÉTODOS UTILIZADOS PELAS PROFESSORAS DA SALA

Durante o período de observação, decidimos elaborar um questionário que foi aplicado com duas professoras que tiveram contato com o menino Henrique. A primeira foi professora dele no ano de 2014 e tem 4 anos de experiência na educação infantil, chamaremos essa de P1, a segunda, por sua vez, foi professora dele em 2015, já tem 12 anos de experiência na educação infantil e é especializada em psicopedagogia, chamaremos de P2.

De início, questionamentos aos professores se em sua formação inicial tinham recebido alguma preparação para atuar com alunos autistas. O P1 não recebeu nenhum tipo de preparação para trabalhar com alunos autistas, o máximo que conseguiu foi adquirir informações superficiais do que vem a ser esse transtorno no componente curricular Educação Especial. O P2 afirmou que teve esse conhecimento apenas em algumas disciplinas da universidade no curso de graduação. Diante disso, é perceptível a carência da formação dos professores, que deveriam ter conhecimento não só na parte teórica, mas vivenciar também na prática e na realidade educacional.

Em seguida, indaguei qual a concepção de inclusão desses professores, em específico, do autismo. Segundo o P1,

Inclusão para mim é proporcionar um ambiente de interação, integração e cooperação para alunos conforme seu interesse e necessidades de modo que este usufrua dos seus direitos ao passo que também cumpra com os seus deveres. No caso específico do autismo, só existirá inclusão se a equipe pedagógica se adaptar as necessidades específicas do autismo de modo a oferecer planos de intervenção pedagógica que contemple suas habilidades, interesses e necessidades, caso contrário não haverá inclusão, mas apenas integração e em muitos casos nem isso. (P1, 2015)

De acordo com o P2,

Incluir é fazer parte de algo, é estar inserido na rotina diária de qualquer atividade, mas tendo a sensibilidade de respeitar os limites de cada criança. É difícil incluir uma criança autista na rotina diária de uma sala de aula, pois cada dia essa criança apresenta uma reação diferente em seu comportamento e no seu humor, para isso faz necessário ser sensível a essas variações, uma vez que o educador necessitará avaliá-lo mediante as atividades propostas, no entanto ao se tratar de uma criança autista a sua rotina tem que ser flexível, cujo processo avaliativo ocorrerá gradativamente mediante ao seu desenvolvimento e o nível ao qual se encontra. (P2, 2015)

Sendo assim, percebemos que ambas compreendem a inclusão escolar e estão preocupadas em inserir os alunos especiais, em específico, os alunos autistas na sala regular, usufruir dos mesmos direitos que os alunos atípicos.

Para P1 e P2 a inclusão é um termo difícil para se falar e para ser realizada no cotidiano, pois não depende só do educador, e conforme Bandim (2011) a verdadeira inclusão exige mais elementos, como assegurar a permanência dos alunos na escola, indo desde a preparação adequada dos professores, principalmente em relação ao conhecimento das características da criança com espectro autista e a presença se necessário de auxiliares pedagógicos, classes preparadas para receberem esses estudantes até as várias intervenções específicas e individualizadas para cada aluno com necessidades especiais.

Para conhecer até que ponto os professores conheciam o autismo, perguntamos quais especificidades essas crianças apresentam em termos gerais e com relação à aprendizagem. Nas palavras da P1 e P2, o autismo significa:

Transtorno possui vários graus, porém em termos gerais podemos destacar: a dificuldade em socializar-se buscando sempre o isolamento de forma a evitar as atividades coletivas, a resistência em atender comandos, a inconstância em ficar parado no espaço, sentindo a necessidade de ficar andando de um lado para o outro, dependendo do grau, ele tem dificuldade em comunicar-se oralmente e resistência em mudar de ambiente. Em relação a aprendizagem, o aluno autista necessita associar o verbal ao concreto para adquirir a noção de tempo, espaço, raciocínio lógico matemático, linguagem, etc; a comunicação com estas pessoas tem que ser feita de maneira clara e objetiva buscando sempre conquista-la inicialmente pelo olhar, ele tem dificuldade em sequenciar, por isso é necessário estabelecer uma rotina de atividades. (P1, 2015)

De princípio fiquei preocupada ao ter a responsabilidade de incluir o Henrique na turma do infantil 3, pois ao meu ver não saberia como lidar com ele, mas aprendi a conhece-lo e a buscar entender as suas reações, tentei não vê-lo com a deficiência mas encontrar caminhos para interagir e faze-lo me aceitar. Consegui ainda a sua confiança através dos toques e gestos durante o desfralde e alguns momentos da rotina. A sua aprendizagem ainda requer tempo, pois cada etapa dos seus avanços é considerado como evolução. Não podemos exigir muito apenas estimular e respeitar o seu tempo. (P2, 2015)

A partir das falas podemos perceber que as professoras apresentam conhecimento acerca das especificidades do aluno autista, bem como sobre sua aprendizagem e do que necessitam para se desenvolver.

Tendo em vista o trabalho com uma criança autista ou com qualquer outra criança especial, realizamos a seguinte pergunta: Que serviços de apoio você recebe? A escola auxilia as suas ações pedagógicas? Exemplifique. A resposta dada pelas professoras P1 e P2 segue a seguir.

Infelizmente a escola não oferece nenhum tipo de apoio que auxilie nossas ações pedagógicas, o pouco que conseguimos realizar é graças a pesquisas pessoais feitas em casa, à vivência cotidiana em sala com a criança autista que nos dar um forte alicerce para conhecê-lo e saber lidar com suas

necessidades e algumas vezes com o auxílio da família que sempre vem com informações pertinentes sobre a criança. (P1, 2015)

A escola disponibiliza apenas de uma auxiliar permanente, devido à necessidade de realizar o desfralde com relação às ações pedagógicas o material é adaptado, mas pouco utilizado devido a disponibilidade de tempo, mediante a intensidade da rotina. A criança utiliza atividades de acordo com a turma, tendo a mediação da auxiliar para manuseio do lápis e do material. (P2, 2015)

Dessa maneira, constatamos que a escola pouco oferece apoio pedagógico para o exercício da função, o que acaba prejudicando um pouco, tendo em vista as necessidades dos alunos que apresentam autismo, quanto a esse aspecto vale salientar que a lei de diretrizes e bases para educação especial na educação básica (2001) afirma que a inclusão de alunos com necessidades especiais em classes comuns do ensino regular exige interação constante entre o professor da classe comum e dos serviços de apoio pedagógico especializado, sob pena de alguns educandos não atingirem rendimento escolar satisfatório.

Ressaltamos a importância do trabalho coletivo, de uma equipe que trabalhe a favor dessas crianças com necessidades especiais, toda escola deveria estar sempre pronta para receber essas crianças, e com promover a verdadeira inclusão.

Além das indagações colocadas acima, questionamos se a inclusão na escola regular é o ideal para crianças autistas. A P1 afirma que

Os professores não estão preparados para receber esses alunos, falta para eles maiores informações e formações sobre e como lidar com esse transtorno assim também recursos pedagógicos adaptados para esses alunos. Claro que como educadoras acreditamos em melhorias educacionais e lutamos por um futuro melhor para os nossos educandos, porém enquanto o sistema não mudar a educação não tem como progredir o máximo que conseguimos fazer é interferir na realidade educacional a qual estamos inseridos, o que ainda é pouco para haver uma mudança global. (P1, 2015)

A P2 colocou que

Sim. Apesar de que as escolas que se diz ser inclusiva ficam a desejar, mediante ao despreparo de atender crianças em específico “Autistas” onde os profissionais não têm capacidade e materiais adequados para realizar um trabalho eficiente e apoio pedagógico para lidar com as situações e problemas que vão surgindo no decorrer do ano. A criança autista deve ser incluída e não apenas integrada ao grupo na turma regular de ensino.

Percebemos que devemos incluir os alunos especiais aos demais, tendo os mesmos direitos e oportunidades de aprendizagem que todos. Para tanto, como dito nas falas, muitas escolas de hoje não possuem suporte para receber esses novos alunos, mesmo sendo algo imposto nas leis há algum tempo. Então, para que haja progressão na educação, nossas escolas

precisam ser melhoradas, tanto no aspecto físico quanto no investimento na formação dos nossos educadores.

Na turma observada, com o intuito de auxiliar no desenvolvimento de Henrique, as professoras usam o método PEC's, uma pasta na qual tinha figuras que representavam roupas, comidas, lugares, objetos, familiares, comandos, regras, entre outros. Entretanto, não foi necessária muita utilização desse método, pois o próprio Henrique rejeitou, tendo em vista que por ser bastante utilizado em sua casa, já entendia os comandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As crianças especiais assim como aves, são diferentes em seus voos. Todas, no entanto são iguais em seu direito de voar.”
Jessica Del Carmen Perez

A partir das observações realizadas compreendemos que, de modo geral, as crianças que apresentam autismo devem ter um olhar observador por parte do professor e de todo o corpo escolar, pois, a partir disso, irá descobrir como uma criança autista é inteligente e capaz de realizar as mesmas atividades que os alunos típicos, claro que de forma adaptada. A criança autista, como o nosso Henrique, tem medo do novo, mas se ele for incentivado sempre irá avançar e, conseqüentemente, se desenvolver e adquirir autonomia.

Realizar a inclusão dessas crianças na sala regular não é nada fácil, mas com empenho, recursos, apoio e um atendimento individualizado é possível que ela obtenha desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

Infelizmente, nos dias de hoje, muitas escolas não apresentam suporte para receber crianças com essa necessidade, bem como não possuem docentes preparados para lidar com as dificuldades do cotidiano. Além disso, temos, ainda, muitas salas superlotadas e crianças especiais sendo integradas e não inclusas.

Quanto ao menino Henrique, durante o período que estivemos em sala de aula, não observamos avanços significativos no que diz respeito à aprendizagem, talvez devido à demanda que as professoras tinham que cumprir e não dedicavam maior tempo a essa criança. É importante ressaltar que o aluno pesquisado tem suas limitações cognitivas, por isso,

tentamos utilizar o método PEC's, mesmo ele demonstrando compreender o que era falado sem precisar do auxílio das figurinhas, como já dito nesse trabalho.

Desse modo, podemos afirmar que a escola deve oferecer um espaço adaptado para receber crianças com deficiência e, assim, poder oferecê-las um espaço para seu desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo. Ademais, ressaltamos, ainda, que o desenvolvimento e os grandes avanços de Henrique só foram possíveis graças ao desempenho e amor da sua mãe que busca sempre conhecimento e o melhor para o seu progresso.

ABSTRACT

This paper presents a research aimed at analyzing the inclusion and progression of an autistic child in regular room of a private school in Campina Grande-PB. We also seek to deepen our understanding of autism, their characteristics and methods of approach in the classroom. Therefore, it is very important know autism so, so we can do a good job with our autistic children, allowing them to grow and be autonomous and able to act in society as typical subjects. In this perspective, this study has a general objective: to analyze the reality of an autistic child in a regular room in a private school in the city of Campina Grande-PB, showing their cognitive, affective and motor. Beyond this central objective, we analyze the methods used in the classroom by teachers to provide growth of autistic children in the study, meet the challenges faced by teachers and identify the knowledge of these in relation to autism. To that end, we conducted an observation field and the questionnaire with teachers in order to answer the questions and have a conclusion about the goal set up. The results indicated that even with the difficulties of everyday school life, the autistic boy had seen progress in their development, and there was the process of inclusion in regular room, getting lacking the issue of learning. Therefore, we conclude that for there to be success in learning and development of autism it is necessary that our schools are supported to receive them as well as trained teachers to face the obstacles of everyday life.

Keywords: School inclusion. Autism. Regular room.

REFERÊNCIAS

BANDIM, José Marcelino. **A criança autista e a escola**. Recife, Bagaço, 2011.

BRASIL, **Constituição da República Federal do Brasil. Texto constitucional promulgado em 5 de Outubro de 1988**. Brasília; Senado Federal Subsecretaria de Edições técnicas, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes para Educação Especial na Educação Básica. Secretária da Educação Especial**. SEESP, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. **LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Senado Federal Brasília, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á prática educativa**. 23 ed. Paz e Terra, 1996.

MACIEL, Diva Albuquerque; RAPOSO, Mirian Barbosa Tavares. Metodologia e construção do conhecimento, contribuições para o estudo da Inclusão. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane (orgs) **Desenvolvimento humano Educação e Inclusão Escolar**. Brasília, 2010.

MELLO, Ana Maria S Ros de. **Autismo guia prático**. 5 ed. São Paulo; AMA. Brasília, Corde, 2007.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, 1996.

REVIÈRE, Ángel. **O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

Autisters, Método ABA. Disponível em: < <http://www.autisters.blogspot.com/2009/07/metodo-aba-html>>. Acesso em 29 de setembro de 2015.

Inclusão Brasil, método floortime. Disponível em: < <http://www.inclusãobrasil.blogspot.com/2008/08/método-floortime-para-autistas.html>>. Acesso em 29 de setembro de 2015.

PADOVAN, método. Disponível em: < <http://www.padovan.pro.br/metodo.html>>. Acesso em 19 de Setembro de 2015.

Caminhos do autismo, PECS. Disponível em: < <http://www.caminhosdoautismo.blogspot.com/search/label/PECS>>. Acesso em 19 de Setembro de 2015.

Universo autista, TEACCH.< <http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/article/.php>>. Acesso em 19 de Setembro de 2015.

Casa da Esperança, modelo SCERTS. Disponível em:
<<http://www.casadaesperancaedu.blogspot.com/2007/01/o-que-o-modelo-scerts.html>>.
Acesso em 7 de Setembro de 2015.

Inspirados pelo autismo. Disponível em: <<http://www.inspiradospeloautismo.com.br>>.
Acesso em 7 de Setembro de 2015.